

1 ESCUDO

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

22 de Novembro de 1930

Numero 10



LÊR NESTE NÚMERO: Noite de terrôr e de mistério — O hipnotizador da R. da Madalena, etc., et

◆◆ Grande Hotel da Batalha ◆◆

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

☐ Magníficas instalações ☐
☐ Serviço de mesa primoroso
☐ EXPLÉNDIDA SALA DE JANTAR

Higiene e conforto

P. DA BATALHA — PORTO

TELEFONE, 247

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRÁFICOS, COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.ª o

Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços módicos—Visítalo é preferi-lo.

Proprietário — LUIZ CORRÊIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28

O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NOITES NOVAS VA-

☐ RIEDADES — «SOIRÉES» ☐

Serviço de Restaurant e Gabinetes

— ABERTO TODA A NOITE —

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

O mais confortável
O mais completo ☐
O mais higienico ☐

Grande êxito de todas as noites

Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Expléndidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são célebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel -- PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato? Elegante? Na última moda?

EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

62 — Rua de Santa Catarina — 64
Telefone: 2158 PORTO



PELES

Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras. Pelaria das melhores procedências para confecções. Curte, tingi, limpa, transforma e confecciona todas as peles. Envia-se amostras para a provincia e remetem-se encomendas contra-reembolso.

Grandes abatimentos às modistas — Formidável sortido em malas, pastas e carteiras.

Esta casa executa concertos em capas de borracha, malas e tingi com perfeição

A NACIONAL

Fábrica de malas, carteiras, pastas e confecções de peles

A. FERREIRA VEIGA, LTD.

Rua da Palma, 34, 1.ª — LISBOA Telefone N. 3624

NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é «A Nacional», a mais antiga no género e a que melhor serve e mais barato vende.

Mendonça, L.ª

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL EM 1.ª HIPOTECAS

Rossio, 74-1.ª

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos
Preço 1\$00

À venda em todas as drogeries

COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a
RUA CHÁ, 129-132—PORTO
TELEFONES (Agencia 1412 Residencia 2187)

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancária Sousa, Cruz & C.ª, L.ª

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71 (EDIFÍCIO PRÓPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15 PORTO

VISITE o CLUB RITZ — R. Fernandes Tomaz, 817 PORTO

Expléndida orquestra «JAZZ» A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do — PORTO e LISBOA —

MODICIDADE DE PREÇOS Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente: CARLOS DUNKEL — R. Sá da Bandeira, 62 Telefone: 1013 — PORTO

Homens & Factos do Dia

Combater o Mal por amor do Bem

MUITA gente imagina que as reportagens sensacionais que o Reporter X publica em todos os seus números não passam de puras invenções. Como, por vezes, trocamos os nomes das personagens, mudamos os locais onde a acção decorre e disfarçamos, como o pintor ao esbater as tintas de um quadro, a nitidez de alguns pormenores, certos leitores scépticos, dando ao labio um gesto superior, murmuram com desprezo: «Fantasias...»



Alguns — e esses recrutam-se principalmente entre colegas da nossa profissão, oficiais do mesmo ofício, que deveriam ser solidários com o nosso triunfo, que honra uma classe — depois de espalharem aos quatro ventos que tudo quanto se publica neste semanário é mentira, falsidade ou calúnia, acabam por vaticinar, com sorriso de oráculo infalível:

— Eles terminam por estoirar. Não se podem inventar tódas as semanas histórias fantásticas e sensacionais.

Nós, sabedores destes comentários pessimistas, temo-nos calado. Para quê discutir? Não serão as páginas plenas de interesse que tódas as semanas publicamos o maior desmentido a tódas essas opiniões baratas e boatos tendenciosos?

Não, amigos, queridos amigos de Peniche, a matéria sensacional do Reporter X nunca se esgota. Ela provém de uma fonte inesgotável: a própria Vida, a Vida mundial. Mas mesmo que este semanário não estendesse o seu raio de acção ao globo inteiro — integrando-se assim nas características internacionalistas da nossa época, acompanhando os grandes vôos planados das aeronaves vertiginosas, a penetração universal do cinema errante, dos expressos transcontinentais, da T. S. F., mesmo que o nosso jornal não quisesse alongar as suas vistas para tão amplos horizontes e apenas se circunscrevesse à vida nacional, encontraria materiais para artigos de sensação durante muitos anos. E admitindo ainda que, subitamente atacado por um comodismo que não está nos seus hábitos, o Reporter X se recusasse a pôr em campo os seus redactores e informadores, que por vezes realizam trabalhos que não deshonrariam os detectives mais célebres, lutando contra

as maiores dificuldades, caminhando no sentido da Verdade, através de perigos iminentes e insistentes ameaças, assim mesmo, sentados à nossa secretária, assuntos sensacionais não nos faltariam.

E' que a redacção do Reporter X, pela confiança que desde os seus primeiros números logo inspirou ao público — confiança que se consolida, dia a dia, em face da nossa coragem e da nossa lealdade — transformou-se em um verdadeiro confessor, o confessor das vítimas que reclamam Justiça, dos corações bem formados que exigem que a luz forte da Verdade incida sobre os mais tenebrosos mistérios. Pelo correio nos chegam cotidianamente maços volumosos de correspondência. Cada carta é um drama, uma ignomínia, uma obscenidade, uma conjura abjecta contra a moral, um estendal de miserias revoltantes.

Heranças que se roubam, casos de estupro, deshonestidades em empregos, ciladas de sátiras sem escrúpulos, incendiários impunes, assassinos que vivem descansados entre pessoas de bem, é o panorama tétrico que o país oferece aos nossos olhos, através das lentes mágicas da correspondência diária.

Se os que nos acusam de demasiado imaginativos lessem algumas cartas que conservamos em nosso poder, se soubessem dos enredos novelescos que nós conhecemos, chegariam, decerto, a estas conclusões: nem os assuntos sensacionais se esgotarão ao Reporter X, nem a fantasia dos seus redactores vai demasiado longe em face de certas realidades, nem a vida moral e mental do país pode oferecer aos jornalistas, que cumprem nobremente o dever da sua profissão, ensejo de se distraírem um momento da missão justiceira de combater o Mal por amor do Bem.

MARIO DOMINGUES

Os médicos e o altruísmo

Houve já quem nos acusasse de fazer contra os médicos uma campanha desapiadada. Dir-se-ia que o nosso sectarismo iria até ao ponto de considerarmos tódos os médicos uns malvados que, longe de se interessarem pelo mais rápido restabelecimento dos enfermos, antes se preocupam com o rendimento monetário que a doença lhes poderá dar. Nós não atacamos por prazer ou por sistema — temo-lo dito inúmeras vezes. No número dos nossos amigos contamos alguns médicos e esses sabem quanto os prezamos pelo seu desinteresse e compe-

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sal aos sábados e é posto á venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTO.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 28121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6 " " " " " " " " " " " " " " " "	22\$50
12 " " " " " " " " " " " " " " " "	44\$50

tência. Temos criticado os maus médicos, os que não sabem cumprir a sua missão com o altruísmo que lhe é inerente.

Ainda há pouco, em um hospital de Lisboa, um clínico conhecido verificou que a um doente que elle operara sobrevivera uma perigosa hemorragia. Não tomou qualquer medida que evitasse as funestas consequências daquela complicação. Outro médico, dando pela negligência do seu colega, e sentindo pulsar-lhe no peito um coração mais humano e sensível, ofereceu o seu sangue para uma transfusão que possivelmente salvaria o operado de uma morte certa. A transfusão fez-se mas de nada valeu o sacrificio daquêlle homem generoso que quis com o seu sangue salvar uma vida e emendar um erro — mais do que um erro: um crime — de um colega impiedoso. O enfermo morreu.

Não citamos nomes. O que ofereceu o seu sangue é bastante modesto para dispensar o nosso réclame; o que errou — talvez tivesse aprendido com o colega a fazer da sua profissão um sacerdócio. A medicina não requiere apenas inteligência, exige altruísmo. E quem sabe que não possui sentimentos elevados procura carreira diferente.

M. D.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma rua na cidade negra Harlem, em New-York, onde só se vêem pretos

QUEM diria, há 15 anos, que a população negra que vivia nos Estados Unidos da America do Norte entregue a labôres rudes, desprovida, na sua grande massa, de cultura, e olhada pelos brancos americanos como se fôsse

Esta desigualdade social no tratamento dos pretos—desigualdade que é como que a sombra da escravatura do passado que se projecta no presente—criou uma feição especial, um espirito característico e umas aspirações mais amplas nos pretos ame-

trabalhos agrícolas, espreitava a ocasião para se aliviar do injusto tratamento a que era sujeita.

Essa ocasião surgiu com a guerra. Assim como na Europa se prégou a guerra para libertar os pequenos povos,



Um escritório de uma das mais importantes companhias negras

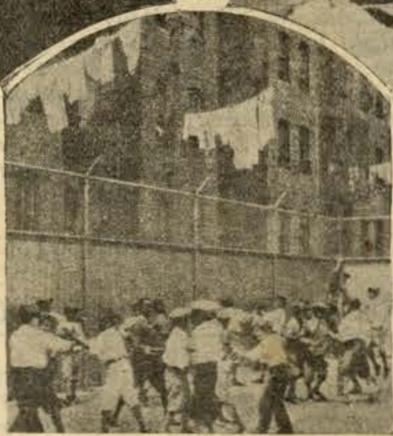
sub-gente, — qualquer coisa de intermédio entre o orangotango e o homem — viria a constituir num futuro próximo um problema de acuidade crescente, que preconceitos de raça tornam cada vez mais grave?

Na America, o cidadão negro—embora perante a lei seja tão cidadão como o branco—não é, infelizmente, tão livre como os individuos de origem europeia. Um preto não pode, como em Portugal, instalar-se em um hotel de primeira ordem, ocupar um lugar de luxo num comboio ou sentar-se num *fauteuil* de orquestra de um teatro. Essas comodidades máximas, êsses prazeres requintados que no nosso país qualquer pessoa endinheirada pode gozar, não são permitidos na America aos negros, milionários ou aqui-milionários que êles sejam.



Nos hospitais, desde os médicos aos enfermeiros e doentes, tudo negro — excepto as roupas

assim na America se incitou o preto a oferecer o seu sangue para a luta prometendo-se-lhe em troca maiores liberdades e mais justas recompensas morais. Juntou-se a esta promessa, que acendeu no peito de cada negro uma labareda de esperança, um factor economico que mais a ateou: a falta de braços nas industrias do Norte. Populações em massa emigraram para os Estados nortenhos, já porque assim se libertavam da atmosfera de terror que sobre êles pesava no Sul—onde os linchamentos atingiam proporções barbaras—já porque nas grandes cidades industriais tomavam mais rápido contacto com a civilização de que estavam ávidos, e ainda porque, sem ser completamente igualitário o tratamento que das cidades do Norte recebiam, nelas encontravam no entanto uma maior tolerância para com a



A hora de recreio em uma escola de pretinhos

ricanos. Uma grande solidariedade de raça une fortemente tôdos os negros que vivem sob a mesma injustiça e deshumanidade. Concentrada em si própria, pela força das circunstâncias, a raça negra, que antes da guerra vivia quasi exclusivamente nos Estados do Sul entregue a

Os pretos na America do Norte

A raça negra fez tão rápidos e assombrosos progressos depois da Grande Guerra, formando bairros enormes nas grandes cidades — e criando uma America Negra, tão diferente da outra, que já se pergunta que surpresas ela nos reservará para o futuro — Os seus progressos nos últimos anos



Em cima: A futura raça negra que tantas apreensões causa hoje aos americanos



Em baixo: Durante o trabalho nascem também poéticos idílios

sua côr. Essa tolerância, porém, não foi até o ponto de se permitirem ligações entre as duas raças, nem de se dispensar a negros entrada em certos serviços públicos, profissões mais elevadas, ou a frequência de lugares considerados de *élite*.

Então os negros, agrupados ainda pela pressão da hostilidade dos brancos, viram-se forçados a organizar as suas cidades dentro das grandes cidades, com uma vida áparte, como se vivessem noutra planeta.

A maior cidade de negros está em New-York—chama-se a cidade de Harlem, com trezentos mil habitantes. As suas avenidas—avenidas de negros—ainda há bem pouco tempo eram consideradas das mais bonitas ruas de New-York. A cidade de Harlem foi conquistada, pouco a pouco, pelos pretos. À medida que naquele local a mancha da população negra ia aumentando, os bran-

estímulo, por brio, a repulsa do preto pelo branco. O preto só deixa limpar as suas botas e fazer a sua barba por um homem da sua côr e a preta só faz as suas compras em estabelecimentos de pretos, servidos por pessoal negro.



Os pretos na America, ansiosos de progresso e civilização, transformaram os seus lares em ninhos de conforto, que fazem esquecer as cubatas primitivas dos antepassados recentes e dos seus irmãos no continente pátrio.



cos que não queriam viver em tão escura companhia afastavam-se, deixando-lhe o campo livre.

Tôdos os negócios estão nas mãos de gente de côr. E em consequência da repulsa do branco pelo preto, criou-se, por

Não se esqueceu essa raça proscrita—mas que já vislumbra o dia da sua libertação—de que os americanos em 1917 lhes prometeram que não seriam esquecidos se se batassem em França pela Liberdade. Querem agora transformar

em realidade essa formosa promessa. O espírito e o moral da raça levantou-se, fundaram-se associações de pretos, começaram a publicar-se jornais de pretos e a literatura negra, recente e pujante, consubstanciando as ansiedades da raça, começa a invadir os mercados literários. Vêem-na progredir, avançar com impeto para as maiores conquistas morais e materiais; notam que no meio da America Branca se está constituindo uma America Negra, com a sua feição especial, a sua arte que rapidamente conquistou o mundo, a sua música estranha de ritmos novos que tem adoradores nos centros mais civilizados, o seu teatro, os seus formidáveis actores, o seu cinema, a sua poesia, os seus bailados, e ante este fenómeno interrogam o futuro. Que será o dia de amanhã na America?

Vai-se tornando um dos mais graves problemas da actualidade, êste da raça negra na America. Os brancos odeiam a raça dos antigos escravos mas precisam dela, que é hoje uma força económica consideravel naquêle país. Quando, há anos, em virtude de algumas ofensas recebidas, os negros pensaram em emigrar em massa para o continente africano, de onde são oriundos e ao qual dedicam entranhado amor, a America estremeceu. E' que, com a fuga dêsses homens, que trabalham na agricultura, principalmente nas grandes plantações de algodão, os Estados Unidos sofreriam um abalo económico formidável.

Os pretos vão proliferando, civilizando-se, invadindo lentamente as mais altas esferas sociais. Um chegou já a substituir um presidente da República no impedimento dêste. E pergunta-se por quanto tempo o preto se dará por satisfeito com as regalias que já conquistou e se continuará a resignar-se a não frequentar um hotel ou teatro de primeira classe, ou a não poderem exercer politica ou jurisprudência nos bairros brancos o médico e o advogado pretos.

A EVOLUÇÃO DA GATUNA DE FORASTEIROS

DA MICAS GOUVEIA, DE CHALE E ARRECADAS, À DAMA ELEGANTE, ESTILIZADA, DO CHIADO, COM AUTOMOVEL ÀS ORDENS

A mulher que melhor se soube aproveitar do costume internacional dos cabelos curtos foi a gatuna de forasteiros. Nem as costureiras, nem as dactilógrafas, nem as *manucures*, essas

los cortados a gatuna de forasteiros redimi o seu miserável modo de vida. Cortou o cabelo e cortou o receio, esse receio que a fazia rastejar pelas ruas imundas e adormecidas de sombras. Deixou-se apanhar voluntariamente pela roldana da vida moderna, vestiu-se pelos modelos mais caros e mais recentes, perfumou-se e entrou nas avenidas onde passam ricas de província e milionários de empresas internacionais. Trocou o chale de Micas Gouveia — a rainha destronada das gatunas de ontem... — por um automovel de marca conhecida e de grande preço, e começou a lançar desta maneira as suas misteriosas garras sobre os transeuntes e turistas endinheirados...

de Mussolini, todos os grandes rotativos de todas as grandes cidades, lançavam o mesmo aviso à multidão flutuante.

Citavam casos singulares, exibiam cenas realistas desses roubos feitos pelo



Já desaparecidas, as antigas gatunas de forasteiros..

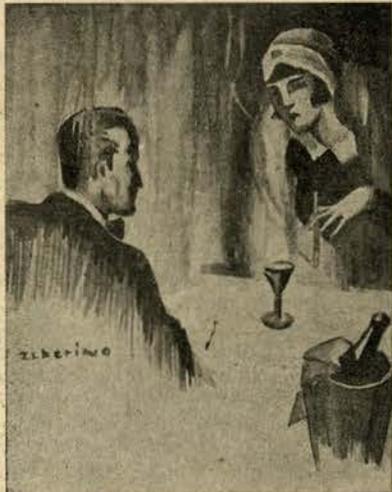
mulheres lindas e pobres que padecem como as milionárias da tentação da moda, nenhuma soube tirar melhor partido econômico desses cabelos leves, de tamanho masculino, como a gatuna de forasteiros... Antes do advento dessa moda que tão cultivada e admirada tem sido, a profissão arrojada e criminoso de ladrões dos visitantes das grandes cidades não passava de mísero emprêgo que dava para pouco mais do que para aprender a morrer à fome... Aceitando importantes informações policiais, os espoliados que apareciam a queixar-se de roubos dessas mulheres eram quasi sempre ridículos roubados. Depois de uma hora de amor venal, no quarto duma casa que tinha geralmente duas saídas, o forasteiro dava por falta do relógio ou da carteira ao chegar à rua.

Raras vezes, tão poucas que de nenhuma alguém se recorda, a sovaqueira de papalvos e hospedes das cidades conseguia negócio mais rendoso. Não enriquecia nem se livrava dos momentos difíceis, cheios de ameaças de fome e de sofrimento. Acumulando pequenos roubos ia preparando assim a sua viagem para o degredo e para a morte...

Mas com o decreto universal dos cabe-

COMO TRABALHAM AS MODERNAS GATUNAS DE TRANSEUNTES E TURISTAS

Françoise Gambart dizia há poucos meses, numa correspondência de Paris, que começam a ameaçar a cidade das tentações inacreditáveis que é Paris mulheres sedutoras, rainhas do *boulevard* e dos mais luxuosos restaurantes, que descobriram uma nova maneira de roubar os forasteiros. Poucas semanas depois, os jornais londrinos, os do Rio de Janeiro, de Madrid e de Roma, dessa Roma que também pratica loucuras e sustenta o vício apesar da espectacular autoridade



Muito elegante, durante o almoço, confessou-lhe...



Dr. Asuero

processo mais moderno e cinematográfico deste mundo... Em Milão, no *corso Eleonora Duse*, — contou por essa ocasião um rotativo italiano — uma mulher francesa, dentro de um um «Lancia» último modelo pára à porta da estação. E' linda, de uma beleza misteriosa e cosmopolita. O expresso de Roma vai partir dentro de poucos minutos... Ela parece inquieta, muito inquieta, como que temendo que a pessoa que espera não chegue a tempo.

Mas de repente, por entre a multidão que vai entrando no *hall* da grande estação, os seus olhos torturados descobrem o homem que esperava... Ágil como côrça, atira-se para fóra do carro, abeira-se do homem que acabara de avistar, e dirige-se-lhe: «Sou estrangeira... Queria partir agora para Roma, supunha trazer todas as minhas malas, mas ao chegar aqui dei por falta de uma maleta onde guardo as minhas joias... Uma contrariedade! Para mais, o meu carro sofreu, precisamente, agora uma avaria... Não posso voltar ao hotel, perderei o comboio... Se V. Ex.^a quisesse ser tão amavel...»

O outro ofereceu-se imediatamente.

(Conclui na pag. 15)

AS CURVAS DA MORTE

A população de Lisboa não sabe andar na rua — Os que matam o tempo —

As pessoas que fazem dos automóveis instrumentos de homicídio frustrado

O lisboeta, desde que se levanta até que se deita, passa a vida a fazer horas para matar o tempo, o que é um mister bastante árduo e improveitoso mas é assim mesmo.

Fazer horas, fazer uma coisa que se faz a si própria já por si é um trabalho difícil de conceber. Mas matar tempo, acho, em meu fraco entender e até melhor opinião, que é parvoíce de marca.

transpôr do que a garganta do Saint Gothard.

O pacífico cidadão que não pertença á classe dos «mata-tempo» e que queira ganhar honradamente a sua vida trabalhando e que, conseqüentemente, tem as suas horas marcadas, passa inclemências.

Ele conta que em meia hora se pode

se «mata o tempo» e não se «fazem horas», levaria, o muito, vinte minutos.

O LISBOETA É UM SUICIDA INNATO

Quem se pendure a uma janela da Baixa, às horas de movimento, fica abismado com a série de suicídios frustrados a que se assiste. Raros os que atravessam as ruas perpendicularmente; fazem-no



Algumas das mais perigosas encruzilhadas de Lisboa
À esquerda: Ruas Garrett, do Carmo e Nova do Almada — Ao centro: Ruas do Alecrim, do Mundo, Horta Sêca e Largo das Duas Igrejas — À direita: Ruas Augusta e da Belesga

Reparem bem, meus amigos e meus patricios, na vossa idiotice.

Passam vocês a vida a fazer uma coisa que não se come, que não se bebe, que não se vende senão mecanizada... Antes fazer relógios de sol, que é coisa fácil e ainda nem saída nas feiras da provincia.

E' claro, como o trabalho que vocês fizeram não serviu para nada, matam-no.

Assim um honesto alfacinha ao cumprir os seus quarenta anos — a idade do juizo — fez nada menos nem nada mais do que trezentas e cinqüenta mil e quatrocentas horas que não serviram para nada.

Por isso vos dou o conselho de fazerem outra coisa qualquer.

NA TERRA DO VAI PARADO

Como lógica conseqüência do officio acima exposto vê-se em Lisboa o lindissimo espectáculo de imensa gente de ambos os sexos parada por essas ruas ou andando tão vagarosamente que vistas de cima parecem não se mexer.

E o pior é que param justamente onde a circulação é mais intensa e as ruas mais apertadas.

Há por aí esquina mais difícil de dobrar do que o Cabo das Tormentas com Adamastor e tudo. Há ruas mais difíceis de atravessar do que o estreito de Bering no inverno e passeios mais difíceis de

transportar dos Restauradores ao Camões e mete-se a caminho sem muita azáfama mas á entrada do Avenida Palace está muita gente a olhar para um automovel que leva para o «Bar» uma estrangeira de perna á vela e um estrangeiro de calção e meia.

Mais adiante, em frente da estação do Rossio, uma grande série de malas, moços de fretes e japoneses tomam o passeio de lés-a-lés.

Vencido esse obstáculo sem desastre, temos que passar á porta do espingardeiro onde inúmeros *capadôres de prato* discutem umas proezas venatórias interessantissimas para eles mas incomodas para o transeunte pacífico.

A' esquina da «Vacuum» e pegando com o «Gelo» um molho de senhoras espera a maré para atravessar e vários ranchos de cavalleiros formam barreiras sucessivas e bastante difíceis de saltar.

Pelo passeio do Rossio adiante tem que se ir aos zig-zags, ás curvas, aos encontros.

Rua Nova do Carmo acima várias senhoras descem dos automoveis, entram e saem das lojas, param aos grupos, em conversas animadissimas e por aí acima até que ao chegar em frente da «Mundial», cujo relógio está quasi sempre desafinado (felizmente), se notou com pasmo que se gastaram três quartos de hora na viagem que, em qualquer terra onde não

em diagonais muito alongadas e, claro, têm que executar *quites* mirabolantes aos «autos» e aos carros eléctricos.

E como esse movimento é constante e duma falta de ritmo enorme há *encontros no meio da rua*, coisa desconhecida nas grandes cidades.

Os polícias sinaleiros apitam, reapi-tam, levantam o pausinho, movem-no elegantemente mas ninguem faz caso, ninguentemente obedece a não ser os que têm medo á multa: os *chauffeurs* e os condutores de eléctricos.

Ninguem obedece!

E' extraordinário mas verídico. Tão autêntico que muitissima gente se lembra do facto e tão extraordinário que o facto deu-se.

Quando, há bastantes anos, os antigos candieiros da rua Nova do Carmo e do Chiado foram aformoseados com umas tabuletas que ordenavam «seguir pela esquerda», toda a gente seguia propositadamente pela direita. Com o espirito de desobediência? Não. Unicamente com o trágico fim do suicídio.

Cada um fez justamente o contrário do que devia fazer porque assim seriam *suicidados* pela massa dos obedientes. Mas como estes eram em infima minoria, nenhum morreu, antes pelo contrário.

Ser *chauffeur* em Lisboa é a profis-

(Conclui na pag. 14)

Noite de terror e de mistério

ANTE o meu sorriso de incredulidade, o meu amigo T. de S. afirmou convictamente: — Se por acaso tens dúvidas sobre a veracidade do que estou a contar-te, posso pôr-te em contacto com a actriz Z. — involuntária interprete dessa verdadeira história... Ela deve estar a chegar... Todas as noites vem aqui à «Favorita»... Eu, ainda com a dúvida a frizar-me, mau grado meu, os lábios, retorqui:

— Aguçaste a minha curiosidade profissional. E, já agora, tenho certo empenho em que me apresentes a essa artista. Se ela conseguir convencer-me, dou a mão à palmatória. — Nada mais fácil! — declarou o meu interlocutor, consultando o seu relógio de pulso. — Faltam

trabalhava eu num teatro do centro da Baixa, cantando, com sucesso, alguns números — que mais tarde tiveram grande voga no país — duma célebre revista que se conservou bastante tempo no cartaz. Por essas alturas a polícia começou a desenvolver uma enérgica acção repressiva contra o rendoso comércio clandestino dos estupefacientes — vulgarizadíssimo em toda a Lisboa.

«A prisão de vários vendedores dos escravizadores «pósinhos» tornou a obtenção destes difícil. Era o meu maior martírio, subjugada como estava ao terrível veneno! E, então, ao meu espírito torturado, obsecado, uma única solução se impôs: aceitar a discreta corte que o proprietário duma farmácia, situada muito próximo da Baixa, me andava fazendo. Mas, a minha esperança foi iludida, porquanto o meu apaixonado farmacêutico, em lugar de me proporcionar a satisfação da minha alucinada ânsia, esforçou-se, debalde, por me arrancar ao tremendo vício. No entanto o meu desespero cada vez era maior. A impossibilidade de atenuar o meu mal punha-me infernos de sofrimentos na alma. Uma grande depressão moral se apoderou de mim.

«Até que uma noite recebi um lacónico bilhete no meu camarim. Uma desconhecida propunha-se levar-me a certo sítio onde me seria facultado aquilo que eu com tanto empenho, inutilmente, procurava. Era a vida! O resto da noite, escuso de lho dizer, foi duma lentidão atroz, apavorante. Público, scena, aplausos, as coisas, em suma, que mais gratas são a uma actriz, constituíram nesses momentos raros o meu maior aborrecimento. Tudo me impacientava. Só a hora de terminar o espectáculo me interessou então. Finalmente, terminou a segunda sessão. Eu, como doida, arranjei-me à pressa e saí precipitadamente do teatro. Cá fora fui, de facto, abordada por uma criatura, trajada com decência, mas pobremente, que se me aprezentou como autora do bilhete que eu recebera. Era uma mulher nova ainda. O rosto já fanado e os olhares mortiços, sem brilho, inexpressivos, de



Aquela misteriosa visitante vinha ao encontro dos seus desejos

vinte minutos para as dez... E' a hora habitual da sua chegada...

Efectivamente, decorrida talvez meia hora, o T. de S. apresentava-me a uma conhecida actriz, a qual, acompanhada por uma outra senhora, acabava de ocupar uma das mesas do pavilhão «Favorita», no Parque Mayer — seu lugar de todas as noites.

E o encontro ficou apazado para o dia seguinte, em casa dela, para me contar o caso e fornecer-me os necessários elementos — elementos que me levariam a uma segura conclusão, segundo ela me afirmou.

UMA OBSECAÇÃO TORTURANTE E UMA MISTERIOSA VISITA

Uma moderna sala de visitas, numa das ruas do Bairro Camões, serviu de cenário à entrevista. Pelas paredes, sobre os móveis, numerosíssimas fotografias de gente marcante no nosso teatro, todas com gentis dedicatórias, davam carácter ao ambiente. Aqui e ali espalhados caprichosamente, alguns objectos de arte, num requintado bom gosto.

A graciosa actriz Z., sentada num confortável «maple» vis-à-vis comigo, preambulou:

— Tenho a sua promessa de não me revelar o nome... Evidentemente que o episódio que lhe vou relatar é tudo quanto há de mais verdadeiro. Como, porém, sou uma profissional do teatro, não quero que o tomem à conta de réclamo à americana, com o sentido de me evidenciar. Tanto mais, estando presentemente sem contrato...

Depois, com um delicioso sorriso no seu rosto adoravelmente abençoado, começou:

«Você sabe, certamente, que aqui há uns tempos atrás era eu uma furiosa cocainómana... Creio que não há ninguém em Lisboa que o ignore. Hoje, felizmente, estou absolutamente curada desse terrível flagelo, seja dito de passagem. Pois bem! Há aproximadamente três anos,



Sentia-se torturada por não satisfazer aquele hábito

nunciaram-me imediatamente uma vítima dos enganadores venenos — mais uma escravizada como eu!

«Vim a saber mais tarde — continuou a minha insinuante informadora — a sua história triste, impressionante. Contou-me uma colega minha, a A. M., que também lhe aceitou os valiosos serviços.

UM VÍCIO MARTIRIZANTE — UMA FAZÇA QUE SE CONDUZ EM «LIMOUSINE GRENAT» — UM «CHALET» MISTERIOSO — COMO NOS ROMANCES DE AVENTURAS — UM CHINÊS ENIGMÁTICO — ESMOLA PARA MENINAS ORFÃS — UM QUADRO DE MÁGICA — A PIOR DAS SURPRÊSAS

O seu enranhado vício da cocaina envolvera-a, e ao marido, um médico distintíssimo de Lisboa, num espalhafatoso escândalo, com intervenção da polícia e largos relatos nos jornais. Lisboa inteira delirou com o caso. O marido, depois do véxame sofrido, requereu e obteve o divórcio. E ela, calada por todos, sempre sob o fatal domínio dos mortais alcaloides, foi descendo de degradação em degradação até chegar aqui — agente à comissão de artificiais paraizos do sonho...

«Sem hesitação, aceitei pois o precioso auxílio que essa mulher me trazia. Ela falou-me em «máximo sigilo», «em certas precauções por causa da polícia»... «porque a casa era muito bem frequentada, tudo nomes de gente grada»... Eu ainda desconfiei, embora vagamente, de que ela fôsse alguma *caftina*... Mas, a atracção, a miraculosa palavra, a avidez do «pó», venceram em mim qualquer sombra de receio. Dai a pedaço, uma *limousine grenat* transportou-nos a ambas a um local para mim totalmente desconhecido. Estávamos em pleno campo, paradas defronte dum *chalet* rodeado por um elegante jardimzinho, a que a lua, no seu apogeu, dava um encantador aspecto de poesia. Surpreendida, olhei em volta, e não me pôde conter que não dissesse para a minha companheira: — «E' aqui? Mas esta casa parece que está deshabitada... tão silenciosa...» Ela, soltando uma risadinha de escárneo, volveu: — «Não se fie nisso! A esta hora deve lá estar bastante gente...»

«Atravessámos o jardim, batendo a minha companheira, duma forma particular, à porta do *chalet*, que se abriu em seguida. A troca de algumas palavras em lingua estranha entre a mulher que me guiava e um chinês que nos surgiu lá de dentro franqueou-nos a entrada. No meio do mais absoluto silêncio, atravessámos numerosos corredores, fracamente iluminados, parando, por fim, num curioso aposento, esquisitamente decorado. Apareceu-nos então uma mulher, de acentuado tipo estrangeiro, a quem a minha «cicerone» me aprezentou no mesmo idioma que já usara para o chinês, retirando-se depois. A tal mulher estrangeira, já a sós comigo, disse-me num português mascarado: — «Rogo-lhe que faça o menor ruído possível... Os meus distinguidos clientes gostam do máximo sossego.» E apresentando-me uma mala de mão: — «Deite aqui para dentro uma nota de cem escudos... E' um pequeno óbulo para um asilo de meninas orfãs...» Ela, depois de lhe ter dado o dinheiro pedido, continuou: — «Agora uma simples formalidade! Necessito certificar-me de que não traz arma consigo...» «E enquanto me revistava, ia explicando: — «Desculpe, mas a semana passada uma jovem, tresloucada por amores não correspondidos, veio suicidar-se aqui, na minha casa... Ia-me metendo num bom sarilho!... Agora, é claro, tomo as minhas precauções... Pode seguir-me!»

«Penetrei, então, num enorme salão. É impossível descrever-lhe o que vi — continuou a actriz Z. gravando-se-lhe nos negros olhos um fulgor intenso. — Imagine antes a scena: a luz difusa, quebrada por luxuosos *abat-jours*, imprimia uma semi-penumbra ao vasto aposento. Pelos numerosos *divans*, viam-se figuras humanas e inertes, estendidas na rigidez de transitória morte. Corpos de neve inconscientemente desnudados. Olhares parados, fixos, docemente, em longínquos

parâmetros de endoada fantasia. Lassidões mórbidas e cérebros escravizados em volúpia — a cruel volúpia dos estupefacientes. Entretanto, enquanto ia atravessando aquele mundo de sonho, a minha misteriosa guia indicava-me os vários vícios:

— «Haschich!...» «Era uma discutida poetisa da nossa terra, celebrizada por alguns exotismos, de mórbida patologia, avolumados pelos maldizentes. E, mais adiante, indicando uma outra jovem, bastante conhecida pela sua rara beleza e que, ali, entregue a profunda embriaguez espiritual, patenteava em inconsciente abandono as curvas elegantes do seu corpo, murmurou:

— «Ópio!...» «Depois, indicando-me uma *chaise-longue* desocupada, interrogou-me: — «E... o seu peccadilho, qual é?... Boquilha, aspiração ou injeccão?...»

O FURTO DAS JOIAS — UMA ILUDIDA COMO MUITAS

No galante rôsto da actriz Z. julguei distinguir uma vaga expressão de suave nostalgia. Saudade, sentida pela evocação? Talvez! No entanto, confessara-se já curada...

«Madrugada alta, — prosseguiu ela, recostando-se novamente no *maple* — com as carnes alquebradas, momentaneamente saciada, regresssei a casa, conduzida pela mesma *limousine grenat*. Foi só então, no meu quarto de dormir, no momento em que me despia, que dei por falta do meu colar de pérolas — valioso presente que me haviam oferecido na minha festa artística. Sobressaltada, procurei-o inutilmente por todo o aposento. Revolvi tudo, os móveis, as roupas... Debalde. O colar desaparecera misteriosamente. A esperança de que o tivesse deixado no camarim desvaneceu-se também. Não foi necessário raciocinar muito para adquirir a certeza de que mo roubaram na casa onde tinha sido atraída. Essa certeza avultou mais no meu cérebro quando, daí a dias, li num jornal a noticia de que a tal poetisa, de que lhe falei, tinha apresentado queixa na policia sobre o roubo de um *pendentif*, ocorrido em misteriosas circunstâncias.

A actriz Z. aprezentou-me em seguida numerosos recortes dos jornais, exclamando:

— Examine estas noticias! Eu passei uma rápida vista sobre os pedaços de jornais. Referiam-se a variadíssimos roubos de joias, cujas queixas eram formuladas por nomes femininos que, a miude, se liam nas crónicas elegantes dos periódicos.

— Agora — acentuou a minha informadora — veja as datas que eu marquei, a tinta, na outra face desses pedaços de jornais! E, se após isso lhe restarem dúvidas, verifique a exactidão das datas nas colecções respectivas.

Eu fiquei surpreendido! Segundo aquelas locais, observavam-se dois roubos de joias, em média, por dia — e os dias eram consecutivos e pertenciam aos meses de Janeiro e Fevereiro.

— Parece-me impossível — objectei eu, devolvendo os pequenos rectangulos de papel — que as autoridades não estranhassem essa abundância de roubos e a coincidência das datas.

— Compreende-se! Eu por mim avalio... As queixosas sabiam muito bem onde foram rouba-

das. Mas o receio do escândalo levou-as, sem dúvida, a ocultar a verdade, informando erradamente a policia sobre a maneira como se deu o desaparecimento das joias. Dum lado estava o interesse da não revelação de segredos íntimos, e do outro a necessidade de se justificarem perante as familias. Apresentar queixa dava o cunho de sinceridade preciso para iludir os parentes. Isto sem falarmos naquelas que, embora espoliadas também, preferiram ficar caladas, por vergonha. De algumas colegas minhas sei eu a quem sucedeu este último caso, de que, mais tarde, em confiança, vim a tomar conhecimento.

— E a mulher que a levou a esse covil? Nunca mais a viu? — interrompi.

— Nem eu, nem essas minhas colegas. E depois de curta pausa, estendendo-me uma outra noticia recortada. — Aqui tem mais uma local, mas diferente das outras...

Li: era a reportagem do aparecimento do cadaver da filha dum importante comerciante de Lisboa, que apparecera na Azinhaga da Fonte, em circunstâncias misteriosas, ao lado duma pistola. O exame médico-legal demonstrava tratar-se de um vulgar suicídio, tentando a policia averiguar onde paravam umas joias, avaliadas em sete contos de réis, com que a jovem suicida, três dias antes, havia saído de casa. A noticia deixava supôr terem aquelas sido roubadas ao cadaver por algum meliante que na ocasião tivesse passado no local.

— Como vê, o facto de desaparecerem as joias é sintomático — explicou a actriz Z.

— No entanto, a hipótese do jornal é aceitável — redargui.

— Mas fica destruída, se ligamos este caso à vaga informação da mulher estrangeira do *chalet*, quando me estava a revistar. Além disso a diferença de datas é evidente...

— Mas uma rapariga que sai para a rua com a preconcebida intenção de matar-se, deixa em casa as suas joias.

— Ninguém nos afiança que ela saísse com o



Em casa, dei por falta do colar

intuito de pôr termo à existência. Isso podia ter vindo depois, após uma discussão com o amante — arrufos de namorados. O resto é duma eloquente lógica: a compra da pistola em qualquer casa, o encontro com uma agente do *chalet*, que a atrairia ali com a promessa de tudo poder esquecer, e, por fim, a morte. Depois, é claro como

agua... A dona do «santuário», para fugir a responsabilidades e a trabalhos, agarrou no cadaver e foi colocá-lo na citada azinhaga, não sem que primeiro o tivesse despojado de todos os valôres.

— Realmente podia ter sucedido assim. Como pôde você reconstituir tudo isso? — interroguei.

— O meu espírito de curiosidade levou-me a consultar a colecção dos jornais atrasados, em busca de noticias que dissessem respeito a roubos de joias. Pretendia saber desde quando começaram a aparecer as primeiras queixosas... E, casualmente, deparou-se-me a noticia do suicídio, com detalhes especiais que logo me identificaram.

— Porque não deu à publicidade, então, todos esses informes? — perguntei eu, já convencido



Recebeu-a um chinês misterioso, mesuro e discreto...

dos factos. — Era um precioso auxílio que as autoridades tomariam em consideração...

— Para quê? Se eu estivesse convencida dum assassinio, tê-lo-ia feito. Mas assim chamaria sobre mim a indígena atenção desta provinciana Lisboa!... Ainda se ao menos eu tivesse a esperança de tornar a recuperar o meu rico colar...

«Passados curtos meses, embarquei para a Africa, em larga digressão artística, donde só regresssei há pouco. E nunca mais me lembraria de semelhante ocorrência se na tertúlia de que eu e o T. de S. fazíamos parte, certa noite, se não tivessem narrado alguns casos tenebrosos ocorridos em Lisboa e ignorados da sua população. Refiro-me, aos tais crimes misteriosos que nunca chegam ao conhecimento da Imprensa... Foi então que veio para a conversa aquilo a que eu chamo «o meu caso».

SE OS GRANDES JORNAIS QUISESSEM NUNCA TERIAM FALTA DE ASSUNTO...

Já a finalizar, a graciosa actriz disse-me ainda, sorrindo:

— Ai tem um assunto para o seu jornal, cuja publicação servirá de aviso a tanta mulher desgraçada pela escravidão dos estupefacientes... E' claro que não sei se o tal *chalet* ainda serve de palco a tantos crimes de roubo. Há três anos, antes da minha ida à Africa, juro eu que existia... Os senhores jornalistas que andam constantemente a lamentar-se da falta de assuntos de sensação têm no *bas-fond* de Lisboa, tenebroso como o de todas as capitais, motivos de sobra para curiosas reportagens. E' uma questão de procurarem e de se subtrahirem ás altas influências que se movem junto das empresas das gazetas para que determinadas ocorrências não sejam publicadas.

AMERICO FARIA

A NOBRE MISSÃO DO REPORTER

A propósito do livro «Ares de Espanha» de Adelino Mendes, apontam-se as enormes vantagens que o jornalismo trouxe para fazer da História uma ciência de maior exactidão

A HISTÓRIA, a verdadeira, a fecunda, a que pode oferecer aos séculos todo o material de registo, de crítica e de comentário dos acontecimentos e dos homens de outra época; a que pode levar ao leitor ou ao ouvinte futuro, com uma nitidez *Zeiss*, as visões do passado como se fosse um espectador presente—só agora começou a ser feita. Este *agora* tem a relativa elasticidade de todas as medições do tempo que Einstein descobriu. E' um agora que já começou *ontem*, um *ontem* que a perfeição de hoje pouca, reduz e nos obriga a profetizar um amanhã que os suplante.

Monumentos que agigantem e eternizem na masculinidade da pedra e do bronze as figuras e os factos; quadros onde a penetração psicológica dos pintores se assemelhe a uma radiografia de almas, imprimindo nela sugestões de beleza; narrativas de cronistas subteis transmitindo-nos no transe hipnótico do seu estilo as verdades que as palavras, escrivazadas pelo subórno moral da sua situação de lacaios reais da inteligência, fingem ocultar,—tódos os recursos de que a História dispunha para nos filmar e exibir a vida que vivemos—descem a um subterrâneo de inutilidade ante essa nova engenharia da nossa civilização que é o jornalismo. E dizendo *jornalismo*—refiro-me à sua mais nobre, mais trabalhosa, sacrificada e essencial missão, que é a *reportagem*. Havia arte e génio nos veículos—a pintura, a escultura, a crónica—que transportavam até nós êsses séculos? Decerto. Mas essa arte e êsse génio gastavam-se no envólucro maravilhoso. Os séculos morriam dentro dêles. Chegavam até nós como cadáveres putrefactos ou mesmo esqueletos limpos. Eram guardados em caixões de ouro, sim—mas de pouco serviam para se reconstituir a forma da carne que os tinha enroupado, e sobretudo a plástica do espírito e das almas. E se o jornalismo, a reportagem se guindam à sua verdadeira expressão, os séculos que desabrocharam sob a imprensa serão transmitidos aos séculos futuros com o mesmo esplendor de beleza (porque o jornalismo não hostiliza a literatura, sempre que fór literatura jornalística, o que, na verdade, não é frequente), latejando no mesmo ritmo de vida—porque o jornalismo é um fonógrafo dos factos, potente e durador, e o dinamismo a «corda» que o verdadeiro reporter arranca dos seus nervos para impôr a toda a gente o que vê, o que ouve e, sobre-

tudo, o que comenta dos espectáculos da existência a que assiste. A verdadeira História começa agora com a imprensa. *Agora* quer dizer desde que a imprensa atingiu a reportagem perfeita.

Tôda esta lenga-lenga se anichara no



Adelino Mendes

meu sub-consciente, em forma de fé hereditária, desde que, menino e moço, me apaixonei pela mais amante das profissões—que é a minha. (Que tódos os homens soubessem como eu obcecar-se pela vida que escolheram!) Mas só hoje, ao cair o pano teatral da ultima página

OS GRANDES DRAMAS IGNORADOS DA PROVÍNCIA

Na próxima semana parte para vários pontos da província um dos redactores do *Reporter X*, que percorrerá Portugal de ponta a ponta colhendo elementos para dar início a uma série de reportagens sensacionais intitulada *Os grandes dramas misteriosos e ignorados da província*.

O redactor que vai agora visitar várias terras do país—terras sobre as quais conservamos por enquanto o mais absoluto incógnito—é o distinto jornalista Americo Faria, um novo que tem dado provas de talento e que no *Reporter X* realizará, estamos certos, trabalho que definitivamente o coloque entre os mais afamados reporteres portugueses.

do livro de Adelino Mendes—*Ares de Espanha*—, essa ideia instintiva e imprecisa na carne das palavras se dilatou àquelas proporções indispensáveis para que o instinto ceda os seus frutos ao cérebro.

Antes de mais nada devo declarar com aquela altivez e transparência que me caracterizam que não faço a crítica ao livro e muito menos procuro lisongear um camarada geralmente temido pela agressividade do seu especial talento de panfletário e pelo seu mais especial hábito de coleccionador de ódio. Existem coleccionadores de ódio como existem bajoujos de simpatias. Francamente, não preferindo nenhum, inclino-me para os primeiros. Há mais coragem nêles. Em ódio e em amor sou apenas piloto seguindo o rumo que a agulha magnética da minha simpatia e do meu critério me indica. Acho mesmo que Adelino Mendes exagera êsse seu pessimismo.

Conheci Adelino Mendes na infância da minha arte—há 17 anos, na *Capital*. Ele era já então um marechal da sua profissão, entre tantos mestres que não me canso de evocar. Eu era um *boy-scout* do jornalismo. Quantas vezes tenho estado em franco desacôrdo com as suas teorias! Em desacôrdo com o «homem» bom jornalista, nunca. Já nessa época eu, aprendiz, lia as suas reportagens emocionadamente, relendo-as depois para aprender com elas. E sempre, pela vida fóra, através de tódas as circunstâncias, tive-o e tenho-o como um mestre.

O seu livro *Ares de Espanha* foi para mim uma experiência moral. Discordando de muitos dos seus princípios—eu *vi, ouvi, assisti* ao que êle *viu, ouviu e assistiu*. Foi precisamente por isso que eu pôde discordar. E é por isso que eu digo que a verdadeira História começa com o verdadeiro reporter—porque o verdadeiro reporter, qualquer que seja o seu molde, a sua dedução, transmite a suficiente matéria prima para que os outros, vivendo o que êles viveram, possam esculpir a sua opinião.

Sem lisongear um camarada através de um só adjectivo pessoal, nem acomodar-me entre os que o detestam por lugar-comum, senti o dever como reporter modesto, mas ardente, entusiasta do seu metier, de me descobrir diante dessa obra prima de reportagem que é o livro *Ares de Espanha* de Adelino Mendes.

REPORTER X

AINDA O MARQUÊS DE SAGRES

O José de Oliveira mistificou mais uma pessoa, usando de uma fotografia para fins suspeitos

Em um dos artigos que o *Reporter X* publicou acerca dos célebres escândalos do aventureiro que dá pelo título de Marquês de Sagres fizemos referências a uma senhora conhecida nos meios boêmios de Lisboa pelo *sobriquet* de Emília Porca, dizendo que ela se prestara a tirar um retrato na companhia do José de Oliveira para que essa fotografia figurasse no processo de divórcio instaurado contra ele e, segundo nos informaram, por ele próprio inspirado. Sobre o caso escreve-nos aquela senhora, defendendo-se. E pelas suas afirmações verificamos, afinal, que é mais uma vítima das chantagens do Marquês.

Eis a carta:

Sr. Redactor do Reporter X:—Em homenagem à verdade e ao bom conceito que alimenta as normas da justiça, permita V. Ex.ª que eu desagrave a minha dignidade ofendida, pela consideração que ela me merece e muito prezo, e que se para muitos não existe, para mim representa o maximo respeito da minha individualidade, apesar de por vezes haver tido situações um pouco livres.

«Emília Porca» assim me apelidaram. Um triste conceito de mim pode fazer quem não me conheça; porem, em compensação, todas as pessoas que de perto me conhecem, sabem perfeitamente, que sou suficientemente ativa e decente para repelir todas as porcarias possíveis ou imaginarias das pessoas que tendenciosamente me pretenderam envolver.

Não tenho procuração para defender o pseudo marquez, nem com este meu protesto o desejo defender. Se alguém ha que por ele sinta repulsa eu mais do que ninguém.

Não fui intrusa, nem tão pouco me prestaria a uma mistificação tal qual ele a apresentou, nem tão pouco tenho feito para me entregar como instrumento nas mãos de ninguém. Esse tal senhor marquez abusando de facto de uma fotografia minha nada mais fez do que apropriá-la ás suas conveniencias, isto é, fê-lo comigo como o poderia ter feito com qualquer fotografia masculina ou feminina que ás mãos lhe chegasse.

Em todas as situações que tenho tido sempre fui possuidora de automovel. Não estaria pois á espera das migalhas do Marquez. Emfim, a triste realidade dos factos bem nos prova e demonstra, que não ofende quem quer, mas sim quem pode. — De V. etc. — Maria Emília Ferreira.

A fotografia lá está apenas ao processo. O Marquês é que usou abusivamente dela para um fim que ninguém lhe autorizou.

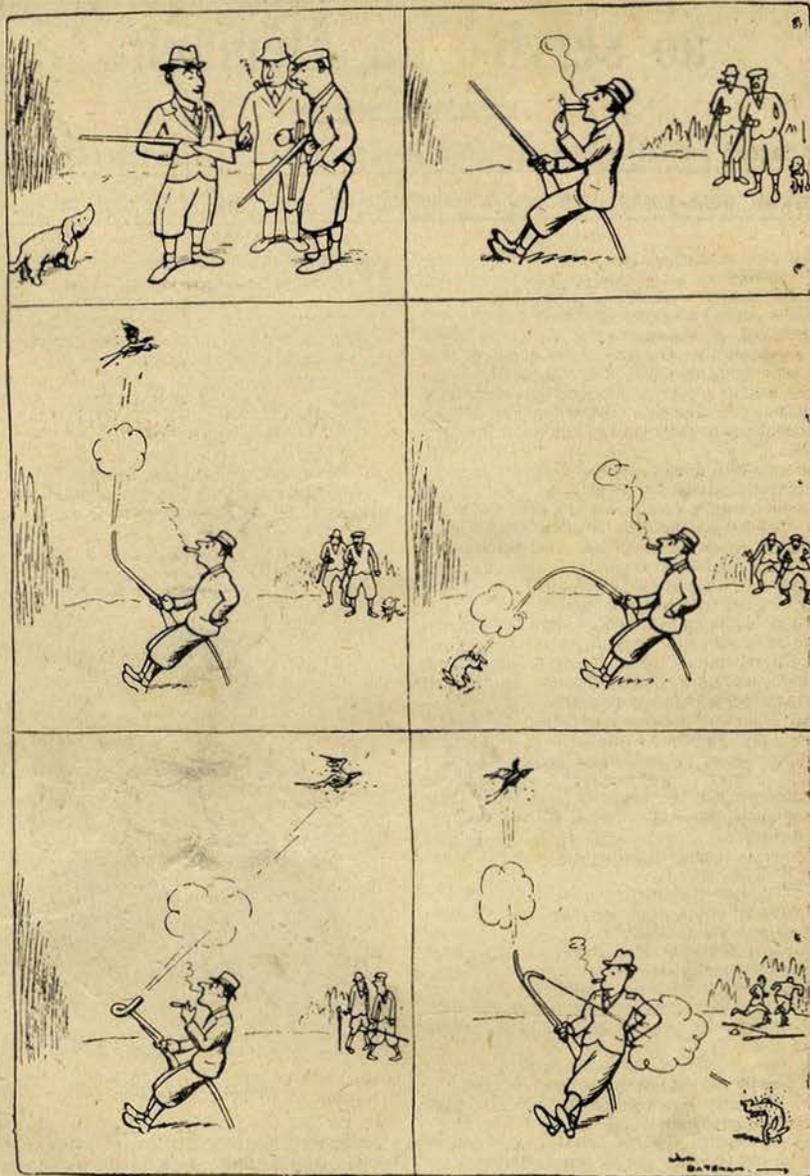
E' único, este Marquês!...

MISSA DO 30.º DIA

Afirmando os nossos mais sinceros propósitos de nos conciliarmos com o Marquês de Sagres, de saúdosa memória (a terra lhe seja leve!), fazemo-nos eco neste eco do anúncio que a sua leitaria elegante da rua Alexandre Herculano — «A Irlan-deza» — publicou há dias no cabeçalho de um jornal de grande circulação. Por esse anúncio se fica sabendo que a margarina de Sintra é fabricada com «o mais puro leite em bilhas seladas», leite de animais robustos, «seleccionados, que se acham sujeitos á maior higiene e salutar alimentação». Os estábulos onde estes animais se criam estão patentes, a quem duvidar, a um quarto de hora de caminho — quanto basta para vir da rua Alexandre Herculano á rua Eugénio dos Santos, onde o Marquês tem os referidos estábulos discretamente montados. O leite é, portanto, «fresquis-simo, sem possível competência».

Quem não quiser fazer o caminho a pé, pode ir num «Palço» e vir noutro...

UM NOVO MODELO DE ESPINGARDA CAÇADEIRA



A NOVELA POLICIAL

A *Novela Policial* vai iniciar brevemente a sua publicação. Edição do *Reporter X* e dirigida superiormente por Reinaldo Ferreira, nosso prezado Director, que se tem distinguido em Portugal pela maestria com que traça os mais empolgantes romances policiaes, *A Novela Policial* vai constituir mais um grande triunfo literário e um formidável êxito de venda.

Cada semana *A Novela Policial* publicará em dezasseis páginas de texto, com capa a cores, e ao módico preço de dez tostões, um pequeno romance completo,

de urdidura fascinante, que obrigará o leitor a lê-lo de um fôlego.

Para melhor distribuição da *Novela Policial*, os pedidos de assinaturas, bem como a fixação de agentes para a venda na Província, serão feitos na redacção do *Reporter X*, Rossio, 3, 3.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

A Novela Policial, além dos contos de Reinaldo Ferreira, inserirá colaboração dos nomes mais famosos, nacionais e estrangeiros, que cultivam este difficilissimo género.

Uma espia portuguesa ao serviço da Alemanha

Revelações indiscretas de um jornalista que conheceu intimamente Maria Clementina, uma portuguesa que fez espionagem em Portugal durante a guerra

Por uma madrugada do verão de 1924 encontrava-me eu, só, a uma mesa do antigo Club Ritz quando o meu olhar pousou casualmente em uma mulher elegante, alta, bela, com seu quê de civilizada e cosmopolita que não era nenhuma das características das «papillons» que freqüentavam habitualmente aquela casa. Estava só também aquela mulher e parecia aborrecer-se solenemente no salão quase deserto e triste a que uma orquestra estridente tentava em vão emprestar bulício e alegria.

Eu era, nesse tempo, embora afectasse que não, um romântico. Bailavam no palco da alma ingénua sêdes de aventura e sentia-me propenso a escrever com a minha própria vida romances empolgantes, plenos de episódios estranhos, com personagens misteriosas, mulheres requintadas que procuram no amor e no vício saciar a ardência do seu sangue moço e da sua imaginação mórbida.

Aquela mulher galante, com aparência de estrangeira, só e esfingica, a uma mesa do Ritz, por uma noite quente de verão, fez-me vislumbrar, em um momento, um romance extraordinário, no qual eu viria a figurar como protagonista.

Tive a ilusão — decerto ilusão apenas — de que ela me fitava também com insistência, e logo quis imaginar que as nossas almas, depois de terem andado errantes e perdidas por esse mundo, se encontravam para se fundirem para sempre em uma só alma, ali, naquela noite, a uma mesa pacata do Ritz.

Chamei-o creado e interroguei-o sobre a identidade da desconhecida.

— É uma rapariga espanhola — informou-me — que costuma vir aqui na companhia de um velhote, negociante do Algarve.

Aquela resposta lacónica começava a interessar à minha fantasia. Então, enchendo-me de coragem, revestindo-me de superior indiferença — que era como que o pára-choques para um provável desaire — mandei-lhe pelo mesmo creado um convite para ceiar.

Ela não recusou. Como nos romances, veio airosa, perfumada, fascinante ao meu encontro e, sentando-se com desenvoltura, disse-me, no mais correcto e gracioso castelhano:

— O cavalheiro é muito amavel. Agradeço e aceito o seu convite porque estava aborrecida e gosto muito de conversar.

Concha Rodríguez — assim disse chamar-se — revelou durante essa ceia, para mim memorável, a par de uma sedução feminina irresistível, uma cultura requintada, um espírito moderno, atraente, deslumbrador.

Era o ideal romântico que a minha mocidade procurava. Apaixonei-me. Fômos amantes durante dezoito meses.

UMA LIÇÃO DE ANO E MEIO

Abençoados dezoito meses! Por me terem ensinado a conhecer as delícias e as torturas de um amor absorvente, cego, violento? Não, por me terem aberto os olhos para a vida — não a vida banal que se oferece ao olhar de toda a gente — mas a vida subterrânea, plena de ignominia, de drama, de traição. Esses dezoito meses valeram por dezoito anos de vida intensa. A existência de Concha Rodríguez, que ela me contou, por necessidade de confissão, é um grande romance de aventuras, de lances emocionantes, transes aflitivos,

sempre desenrolados na sombra de um grande, de um espantoso trabalho de espionagem. Concha Rodríguez era portuguesa, chamava-se — e chama-se porque vive ainda — Maria Clementina e estivera ao serviço da espionagem alemã em Portugal durante a Grande Guerra.

DE DEGRAU EM DEGRAU ATÉ AO VÍCIO E À ESPIONAGEM

Só decorridos alguns meses de relações íntimas, consolidada em mim a sua confiança, Maria Clementina se dispôs, por uma noite de confidências,



A suposta Concha Rodríguez

a contar-me a sua vida. Ela já não podia por mais tempo conservar aquele segredo que transbordava da sua alma, inundando a minha de sentimentos contraditórios: repulsa, piedade, emoção.

Olhos nos meus olhos, a voz trémula, débil, os seus braços niveos, esculturais, torneando o meu pescoço, ela contou:

— Sou natural de uma pequena aldeia próximo de Viseu. Minha mãe faleceu quando eu contava apenas doze anos. Fez-me muita falta. Uma mãe faz sempre muita falta. Meu pai, desgostoso, liquidou os seus negócios de pequeno lavrador e levou-me para Espanha, onde conseguí, mercê de uma exportação ilícita de azeites, fazer fortuna.

Em Espanha acabei de me criar na abundância adoptando perigosos — para mim fatais — hábitos de luxo e grandeza que mais tarde haviam de me custar a honra. Vivemos em Madrid alguns anos tranquilos, afoitos, sem pensar sequer que a miséria existia no mundo. Um dia, inesperadamente, meu pai faleceu, vítima de um desastre numa caçada. Foi o primeiro empurrão para a desgraça.

Calou-se Maria Clementina um momento, os olhos perlados de lágrimas, perdidos no vácuo,

(Continua na pag. 14)

O hipnotizador da Rua da Madalena

Uma rapariga apavorada — Um desmaio de origem misteriosa — Uma escada que engole uma mulher — «Quem espera desespera» — O mistério leve — Sobrenatural ou um intrujão vulgar? — Mudança precipitada — O caminho de Buenos Ayres — Três anos depois

UMA tarde, ao subir despreocupadamente a Rua da Madalena, vi sair de uma porta de escada uma rapariguita dos seus treze a catorze anos, de formas incipientes, mas já definidas. Vinha lívida, os cabelos desgrenhados e olhar espavorido. Tentou dar alguns passos na rua, cambaleou e veio cair pesadamente a meus pés.

Surpreendido por aquela scena inesperada, tentei erguê-la e, arrastando-a quasi, levei-a para o estabelecimento de um amigo, evitando assim a curiosidade da multidão que logo principiou a acorrer. Momentos depois, reanimada já, perguntei-lhe, pleno de curiosidade:

— Que lhe aconteceu? Que tem?

O olhar da rapariga fixou-me um momento, desconfiado; depois, mais à vontade, respondeu ainda trémula:

— Ali, naquela casa... Tive medo d'ele... E' horrível!...

Depois, recuperadas as forças, partiu sem dar mais qualquer esclarecimento.

Fui à porta e segui-a com a vista até a vêr desaparecer à esquina da Rua da Madalena. Que mistério haveria naquela casa? Porque motivo aquela rapariga fugia assim aterrorizada daquela escada?

— Estou desconfiado de que naquêl prédio se passa qualquer coisa de anormal.

Esta frase, proferida pelo dono do estabelecimento para onde eu arrastara a rapariga, vinha ao encontro das minhas locubrações.

— Que sabes tu de positivo? — inquiri.

— Pouco ou nada — respondeu o meu amigo. — Tenho apenas desconfianças. Há dias vi um anúncio pedindo coristas e indicando o quarto andar daquêl prédio para se apresentarem. Desde esse dia não imaginas a quantidade de raparigas que lá têm ido. E não é a primeira que de lá sai apavorada, como se tivesse presenciado algo de muito estranho.

E chamando a minha atenção, exclamou:

— Olha, lá vai mais uma!

Efectivamente, no portal da escada acabava de entrar uma outra rapariga, um pouco mais velha do que a primeira. Desapareceu na obscuridade da casa, cujo mistério começava a avultar para mim.

Seriam umas quatro horas da tarde e como o caso principiava a afinetar-me de curiosidade, decidi-me a esperar. Meus olhos não se despregavam da escada fronteira. O tempo começou a correr lentamente. Deram as cinco, cinco e meia, seis horas — e a rapariga não voltava a sair. Sentí-me intrigado, impaciente.

Sairam alguns empregados dos escritórios instalados no mesmo prédio — a rapariga, porém, não saía. Habitaria ela em algum dos andares? Não, o meu amigo affiançou-me que não. Calei-me e esperel, esperel em vão. O estabelecimento fechou por fim. E eu fiquei na rua rondando a misteriosa porta, apreensivo. Que teria sucedido à pobre rapariga? Um mau pressentimento oprimia-me de angustia.

Por fim, iludindo-me a mim próprio, considerando que era tolice da minha parte tanta preocupação por um incidente que no fundo nada valeria, meti pernas a caminho de casa.

NA PRESENÇA DE UM ESTRANHO ANUNCIANTE

No dia seguinte de manhã o meu primeiro cuidado foi percorrer os jornais com a vista. Lá vinha

o anúncio de que me falava o dono do estabelecimento:

Coristas

Precisam-se com boa apresentação para tournée pelo País. Bons ordenados. Trata-se na Rua da Madalena, n.º... 4.º andar.

E, caso curioso, nessa época vinham noticiando as gazetas com insistência o desaparecimento de menores, de cujo paradeiro nunca mais se sabia.



Saiu, aterrorizada, do portal misterioso

Não sei porquê, estabeleci um vago paralelo no meu espírito entre essas notícias e aquêl anúncio banal. Seria uma coisa consequência da outra? Tive que reagir contra mim próprio, temendo construir com a minha fantasia um romance tenebroso. Resolvi não pensar mais no assunto. Mas a consciência não obedecia aos ditames rígidos da razão. Algo me obsecava. E não sei bem como, seriam umas duas da tarde quando me surpreendi na Rua da Madalena a entrar para o prédio misterioso.

Subi a escada ingremê e escura até ao quarto andar. Parei em face da porta. O coração pulsava-me com violência. Instintivamente bati três pancadas secas com os nós dos dedos. Segundos depois abria-se a porta cautelosamente e surgiu uma airosa figura de creadita, elegantemente vestida, a mancha branca do avental a destacar-se no tódo escuro, cabelos loiros, olhos azuis. Com um sotaque estrangeirado perguntou-me:

— Que deseja?

— É' aqui que se fala acerca de um anúncio para coristas? — perguntei.

— E', sim...

— Venho falar com a pessoa que trata do assunto.

— Quem é o senhor?

— O seu patão não conhece o meu nome. Diga-lhe que desejo saber em que condições são tratadas essas coristas.

A creada fechou a porta — e eu esperel ansioso. Momentos depois surgia na minha frente a mais estranha figura de homem que me tem sido dado conhecer: um pouco mais baixo do que alto, extremamente magro, fato preto, laço descomunal; a cara esquisita, ossuda, quasi descarnada, boca enorme, lábios finos, nariz aquilino, lembrando o bico de uma ave de rapina, dois grandes olhos escuros, brilhantes, mergulhados em órbitas profundas. Era um olhar sinistro, perturbador.

— Que pretende? — inquiri-lhe.

Repeti-lhe o que dissera á creada.

— Já tenho o número de coristas que desejava — disse-me êle secamente.

E, de chôfre, fechou-me a porta na cara.

Quedei uns momentos perplexo. Depois, desanimado com as minhas fracas facultades de detective, resolvi desinteressar-me do caso, quasi envergonhado do meu insucesso.

UMA ESQUISITA MANEIRA DE ANGARIAR CORISTAS PARA UMA «TOURNÉE»

Quatro ou cinco dias depois, já quasi esquecida aquela aventura em que me metera, ao passar na Rua da Betesga, no limite da Rua da Prata, estuguei instintivamente o passo. E' que diante de mim seguia a rapariguita que dias antes, ao sair da casa da Rua da Madalena, caíra desfalecida a meus pés.

Dirigi-me a ela e quando lhe falei percebi que me reconhecera. Cumprimentou-me um pouco desconfiada, mas serenando pouco a pouco, acedeu a entrar comigo em uma leitaria e contar o que lhe sucedera na misteriosa casa.

— A minha família — disse ela — é muito pobre e eu, como costureira de chapéus, mal ganho para comer. Vi o anúncio no jornal e, como me disseram que no teatro se ganha muito dinheiro, fui lá sem dizer nada a ninguém. Se meus pais soubessem não mo consentiriam...

Calou-se entre receiosa e tímida. Teimeei:

— E depois? Conte, conte sem receio o que lhe aconteceu.

No rôsto da rapariga estampou-se a máscara do terror. Decerto a recordação do que se passara atemorizava-a.

— Até me faz mal lembrar-me... — murmurou ela trémula. E tomando coragem foi relatando: — Veio abrir a porta uma creada loira que me mandou entrar para uma sala luxuosa, onde estava um homem medonho de feio que veio ao meu encontro. Fitou-me demoradamente e, depois, falou em língua estrangeira com a creada e eu não percebi o que disseram. A creada saiu e eu fiquei só com o homem, que me mandou tirar o chapéu e o casaco. Eu não estava muito tranqüila, mas parece que as ordens d'êle me obrigavam a fazer tudo quanto êle dissesse. Depois disso, mandou-me erguer as saias, para me vêr as pernas...

— E acedeu? — perguntei.

— Acedi, porque supus que indo para corista êle queria vêr se eu tinha as pernas bem feitas. Depois de as olhar demoradamente, acariciou-me a cara e disse-me para o seguir. Entrámos noutra sala e aí foi que principiou o meu grande medo.

— Porquê?

— Essa sala era toda forrada de preto. Ao meio havia uma espécie de sofá, também coberto com um pano preto, onde êle me disse para me deitar. Não encontrando explicação para essa exigência, pedi-lhe que me deixasse ir embora, porque tinha resolvido não aceitar o lugar de corista.

— Não tem dúvida em mostrar-me a casa?

— E êle?

— Agarrou-me pelos ombros e, olhando-me duma forma horrível, disse-me, apenas: «Quero.» E empurrou-me para o sofá. Senti que as forças me faltavam e estava prestes a sucumbir sob o olhar d'êle, quando se ouviu um grito agudo, um grito de mulher, que me gelou de pavor. Êle largou-me e eu fugi. Notei, então, que a creada loira vinha atrás de mim, para me agarrar. Nesse momento bateram á porta. Eu estava perto dela. Corri mais e eu própria a abri, no momento em que a creada já estava ao meu lado. Quem batera fora outra rapariga, acompanhada duma senhora de meia idade. Aproveitei a confusão de momento para fugir e ainda lhes gritei que não entrassem, mas a



Era um homem estranho: grandes olhos perturbadores...

porta já se fechara, de novo, e eu, assustadíssima, desci as escadas a correr. Cheguei á rua, como doida. O resto já o senhor sabe.

UMA PARTIDA PRECIPITADA DO HIPNOTIZADOR

Cerca da uma hora da tarde do dia imediato a esta conversa encontrava-me eu em frente do prédio esfingico da Rua da Madalena. O meu olhar, pregado nas janelas do quarto andar, parecia hipnotizado ante a surpresa que o imobilizava. Nas vidraças dessas janelas, pequenos quadrados de papel branco anunciavam que a casa se alugava. Olegante, como se visse fugir ante mim o objectivo que queria alcançar, subi os degraus da escada a quatro e quatro.

Bati á porta e, momentos depois, uma velhota, decentemente vestida, veio abri-la.

A' queima-roupa, perguntei-lhe:

— O inquilino que aqui habitava?

— Desde hoje de manhã que partiu.

— A senhora é que é encarregada de mostrar a casa?

— Sou eu a proprietária.

Ante a minha indomável ansiedade, a senhora parecia um pouco desconfiada.

— Não tem dúvida em mostrar-me a casa?

(Conclui na pag. 15)

As curvas da morte

(Continuação da pag. 7)

são mais perigosa que há em todo o mundo.

O *chauffeur* de Lisboa é o veículo inconsciente e involuntário dos suicídios. Lisboa não é uma cidade; é um manicóquio tanto mais perigoso para os seus de espírito porquanto a nossa velha cidade está cheia de «Curvas da Morte».

Eu, se *apitasse* alguma coisa dentro da classe, proporia que aos automóveis fossem adaptados depósitos de água e jactos de ralos e forte pressão como nos carros da régua—únicos «autos» que fazem afastar os transeuntes. Podemos, daqui, concluir que o lisboeta é mais inimigo da água do que da morte.

Suicídio, sim; banho, livra...!

Façam essa pequena alteração nos transportes acelerados da nossa praça e verão os resultados.

Nesse dia, os automóveis seriam verdadeiramente úteis para transporte de gente viva e então haveria razão em utilizar os lindíssimos *autobus funebres* na condução de mortos.

Enquanto não se regularizar a suicidomania só há uma solução, a meu vêr: utilizar os *auto-funéreos* em auto-funerais, isto é, a circulação dos *autobus de enterros* percorreriam a horas certas os diferentes bairros de Lisboa e, mediante senhas compradas nos cangalheiros, ministrariam aos suicidas esmagamentozinhos económicos, seguidos de enterro e até, consoante o preço, com discursos à beira da campa e lágrimas da viúva inconsolável...

Aqui ficam alguns alvitre dignos de serem meditados e, quiçá, aproveitados em breve. Amen.

TOMÁS DE ALMEIDA

O SATIRO DE CORUCHE

Decididamente, o Sátiro de Coruche tem mais sorte do que o Diogo Alves. Este foi justificado pelos seus crimes, aquêle vive tranqüilamente dos rendimentos e, para melhor se proteger das iras da opinião pública, até por lapso, no número transacto, ao fazermos referência ao seu nome lho disfarçámos, escrevendo José Garrido em vez de José Guisado—José Manuel Guisado da Silva Júnior. E' Guisado, embora algumas das suas vítimas gostassem mais de sabê-lo Frito ou Assado...

REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

QUAL FOI O MOMENTO MAIS EMOCIONANTE DA SUA VIDA?

O ACTOR CARLOS LEAL RESPONDE AO NOSSO INTERROGÓRIO COM O SEU INESGOTÁVEL BOM HUMOR

—Qual o momento mais emocionante da sua vida?—preguntámos um dia, de súbito, ao actor Carlos Leal, o querido das plateias.

—A pergunta assim feita de supetão—respondeu êle—parece-me difícil responder sinteticamente. Um artista nas minhas condições, com 7



Carlos Leal

lustros de profissão, por muitas emoções tem passado. De resto, emoções, e fortes, temo-las todos os dias... O vencimento de uma letra, e um fabiano sem um centavo; o empresário com o trunfo de uns *contratos de 5 dias*, a colocar uma tabela dissolvendo-nos a renda da casa e o *maslito*; um limão por 120 centavinhos, e um arcebispo a colocar-se simpáticamente ao lado de liberais revolucionários, etc..

«Selecciono-lhe, porém, dois episódios—um sobre o homem e outro sobre o artista:

«A emoção causada pelo *looping the looping* que me estatelou a ossaria e me quebrou uma asa, na fatídica estrada de Pombal, depois de cuspição de um possante H. P., e que me trouxe dois meses e meio em *étapes* de martirio pelos hospitais da Universidade de Coimbra aos *descuidados* do professor dr. Bissai Barreto, e em Santa Marta aos cuidados do eminente Mestre dr. Francisco Gentil.

«A outra emoção foi causada com alvoroço, na estreia de uma companhia que sob a minha direcção foi ao Rio de Janeiro em 1916. No cais aguardavam-me cerca de mil pessoas para me vaiarem por eu ter dito, em Portugal, mal do Brasil!

«Mal do Brasil—eu, que sou talvez o mais brasileiro de todos os portugueses. Eu, que tenho até sido apodado, embora pitorescamente, de vice-consul do Brasil; eu, que na minha modesta choupana tomo as refeições envolvido pelos mais formosos panoramas dessa Terra Sagrada que no peito sempre me tem andado desde 1903!

«O alarde, que fora causado por um mau hospede que abrigámos em Lisboa desde que a sua Pátria o enxutou... explicou-se com honra para mim, como não podia deixar de ser, e eu tive as maiores, as mais calorosas ovações da minha vida de artista.

«Para os grandes casos, os grandes homens—diz

UMA ESPIA PORTUGUESA

(Continuação da pag. 12)

como se revíssem com saúde os luminosos tempos de ventura despreocupada e sa, e, após um suspiro fundo que lhe fez arfar o airoso busto, prosseguiu:

—Esgotada, malbaratada a herança paterna, que eu, inexperiente, não soube governar, vendo-me só, abandonada, inapta para uma vida modesta de trabalho honrado, lancei mão de todos os recursos, de todos os expedientes, licitos ou ilícitos, para manter o luxo e a grandeza a que me habituara. E, assim, fui desilzando, pouco a pouco, primeiro a medo, depois afoitamente, para o enxurro, para a degradação. Um velho rico e amoral lançou-me na roda estonteante dos clubes, dos *cabarets*. Fui «papillon» em Madrid, cançonetista de café-concertos de duvidosa frequência. Depois, ora subindo, ora descendo, pisei todos os degraus da escada falsa do vicio.

Occultou o rosto lindo nas mãos, umas mãos longas, nervosas, expressivas, de dedos ponteagudos. Sensibilizava-me a emoção daquela mulher.

—Um dos meus amantes—continuou—levou-me a Paris, a cidade do luxo e do prazer, onde todas nós, as que trilhamos a senda ignominiosa do amor mercenário, julgamos ir encontrar a fortuna e a felicidade. Ali abandonou-me sem recursos. Passados os primeiros momentos de privações que nem quero recordar, logrei, porque era bonita e desejada, recuperar o luxo antigo e prosseguir na vida de luxo e de prazer que experimentara em Madrid. Em Janeiro de 1915, em plena guerra, travei conhecimento em Paris com um português chamado Manuel da Silva Nunes, negociante do Porto. Esse homem gastou comigo rios de dinheiro, dinheiro que lhe haviam confiado várias entidades portuguesas para organizar na grande capital um «comité» de importação de vinhos. Arruinado, desacreditado, teimou ainda em fazer grande vida, à custa de expedientes. Foi então que êle me apresentou—sem adivinhar as consequências dessa apresentação—a uma personalidade turca, misteriosa, muito influente em Paris. Esse homem pôs-me em contacto com os organizadores da espionagem alemã em Portugal. E eu passei a ser a criatura mais abjecta que se pode conceber...

Um soluço agitou-lhe o peito e, após uma longa pausa, pedindo-me que não lhe quisesse mal pelo que praticou, foi relatando a sua extraordinária vida de aventureira e espia ao serviço da Alemanha.

(Continua)

IDÍLIO FERREIRA

QUERES DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

o adágio. Pois nestes, como em outros não poucos casos emocionantes, eu mantive sempre a calma e a energia precisa para reagir contra os impetus da adversidade. Não é muito fácil alterar-se-me a ordem no espirito...»

E mais não disse o talentoso artista.

O hipnotizador da Rua da Madalena

(Continuação da pag. 13)

— E' para alugar?
 — Não, minha senhora.
 E contei-lhe o que ali me levava. A mulher parecia admirada e, conforme me ia mostrando as dependências nuas desse quarto andar, respondia, tranquilamente, ao que eu lhe perguntava:
 — Há quanto tempo estava aqui esse homem?
 — Há dois meses.
 — Como se chamava?
 — Sr. Roblin.
 — Era francês?
 — Suponho que sim.
 — E porque partiu éle tão inesperadamente?
 — Ignoro. Ontem à noite mandou-me chamar e disse-me que tinha de ir imediatamente para o estrangeiro. Pagou-me mais dois meses e não voltei a vê-lo.

Agradei as indicações fornecidas e desci precipitadamente a escada. Fui directo à estação do Rossio, onde me declararam não terem visto embarcar nenhum passageiro com os seus sinais.

Um pouco acabrunhado com mais este insuccesso, subi o Chiado vagarosamente, pensando na adversidade que me não permitia descobrir o mistério do homem que morara no Largo do Caldas. Entrei no Café Chiado. Ainda não tocara no cálice de aniz que mandára servir-me, quando, olhando distraidamente para o jornal que tinha diante dos meus olhos, vi que dentro de meia hora partia um vapor — o *Asturias* — para a America do Sul.

Pelo meu espirito passou, velozmente, a ideia de que o «Homem-mistério» seguia viagem nesse paquete.

Dum trago bebi o aniz e sai do Café. Meti-me no primeiro «taxi» vago e mandei seguir para Alcântara. Descemos a rua do Alecrim e, ao chegarmos ao Cais do Sodré, novo contratempo veio prejudicar o meu plano. Um furo num pneumático obrigou-me a mudar de «taxi».

Enfim cheguei a Alcântara, um pouco tarde, porque o *Asturias* acabava de levantar ferro e começava a deslizar suavemente sobre o Tejo, ainda quasi encostado ao cais. Não pude reprimir um movimento de contrariedade. Subitamente, porém, o meu olhar deteve-se, como que atônito. Hirto, olhando a cidade que começava a distanciar-se, o «Homem-mistério», envolto na negrura do seu fato, destacava-se junto à amurada do vapor, no tombadilho da 1.ª classe. Ao lado d'ele, tão esfingica como éle, elegantemente vestida, via-se a figura loira e gracil da creadita que me abrira a porta do quarto andar do prédio da rua da Madalena.

Durante os três anos que passaram sobre esse dia, acontecimentos diversos vieram obscurecer a recordação do que então se passara.

Há tempos, porém, os jornais começaram a noticiar, com insistência, o desaparecimento, quasi quotidiano, de menores.

Confesso que me recordei do «Homem-mistério», mas, como a história ia já esbatida pela distância da época em que se passara, não liguei importância de maior.

E quasi de todo a esquecera quando, há dias, na estação do Rossio, vejo, assombrado, o ex-inquilino da Rua da Madalena, sempre vestido de negro e acompanhado pela rapariga loira. Sem hesitar um só momento, dirigi-me a éle e, segurando-o por um braço, murmurei-lhe:

— Ainda bem que voltamos a encontrar-nos.
 Ele olhou-me surpreendido, não me reconheceu.

Mas, mal tinha pronunciado estas palavras, éle dava-me um violentissimo encontrão que quasi me fazia cair. Aguentei-me e, num segundo, recuperei o sangue frio, disposto, a segurá-lo bem.

Acreditei, então, que esse homem tinha um poder sobrenatural, meliostofélico, que o imunizava contra todos os perigos.

Sem saber como, em menos dum segundo, éle e a loira companheira desapareceram misteriosamente, sem deixarem, após si, o mais pequeno vestigio.

ALVARO VASCONCELOS

A evolução da gatuna de forasteiros

(Continuação da pag. 6)

Ambicionando ser companheiro durante a longa viagem daquela deliciosa mulher, não hesita, parte logo, deixando-lhe as malas, cheias de ouro, que o director do Banco, onde é um dos empregados mais antigos, lhe confiou para ir depositar a Roma. Ela, sorridente, volta para o carro... Quando o homem volta, vê que o *auto* e a mulher desapareceram, e só compreende que foi logrado quando a memória lhe diz que os jornais dos dias anteriores ocuparam largos espaços com as façanhas das modernas gatunas de forasteiros...

E não tem fim a série de façanhas das devoradoras das grandes cidades. O dr. Asuero, esse dr. Asuero que chegou a ser o assunto do mundo, para depois tombar no esquecimento, também caiu, segundo a informação de um meu camarada que há poucas semanas esteve em Lisboa, na armadilha de uma dessas ladras de lábios pintados. Segundo esse meu camarada, o dr. Asuero, poucas horas depois de haver chegado a Buenos-Ayres, onde não o esperavam, como se verificou, nem aplausos nem sorrisos..., foi solicitado para visitar certa linda mulher viúva, na Avenida de Maio. O dr. Asuero não se fez demorar. E, ao passar para o lado de lá de uma porta de um segundo andar, foi encontrar num leito principesco uma mulher encantadora que se dizia paralitica há aproximadamente uns quinze meses.

O dr. operou imediatamente; a doente... afirmou logo poder movimentar as pernas... O dr. Asuero, impando de vaidade pela nova cura realizada, despediu-se, mas ao chegar à rua, quando se atirava para dentro de um *taxi*, reconheceu que lhe faltava a carteira, onde guardava todos os seus papeis, todo o seu dinheiro, todos os seus valores...

Correu rápido a casa da doente, mas só encontrou a cama vazia e a casa abandonada... Com outros cordelinhos e com outros *trucs*, sempre de bom e immediato resultado, contam, todas as semanas, os grandes jornais estrangeiros, roubos mais ou menos semelhantes.

Lisboa, esta Lisboa vaidosa que gosta de copiar o estrangeiro como uma leviana creada de quarto gosta de copiar os vestidos e as atitudes da sua senhora, já possui também modernas gatunas de forasteiros. Como as parisienses ou como as brasileiras, também as nossas se envolvem em luxos reais e correm o centro da cidade ao volante de carros scintilantes. Por enquanto, os seus roubos, embora subam já a centenas de contos, não foram levados em queixas até à policia, porque os roubados (tódos comerciantes conhecidos e com responsabilidades de familia) têm ficado em silêncio porque se temem de escândalos...

Recordo esta façanha, que não fica a dever nada ás que se praticam por esse mundo, e da qual, segundo me dizem, é autora uma rainha da noite... Foi numa ourivesaria da Baixa. Ai pelas onze horas da manhã, apeia-se à porta de uma dessas catedrais de objectos de oiro uma mulher modêlo Greta Garbo. Um empregado vem atendê-la, solícito. Ela queria uma joia rara para oietercer, e das que vai admirando nenhuma lhe agrada... No mesmo estabelecimento está um ricoço, fabricante de lanificios na Covilhã, com manias afidalgadas, que deseja adquirir objectos brazonados, os mais caros, por todo o preço. Mas o joalheiro não tem nada do que o freguês pretende, e informa-o disso, lamentando visivelmente não poder fazer negócio... O freguês retira-se.

Um minuto depois, a mulher que viera no automovel informa o empregado que a está servindo de que nada lhe agrada — e parte. Quasi na esquina a seguir, mesmo de dentro do carro, que faz por encostar ao passeio, moderando a marcha, ela diz ao comerciante que procura objectos de oiro brazonados: «Ouvi a sua conversa na joalharia... Tenho em casa, herança de familia, objectos antigos, que lhe devem agradar. Podemos fazer negócio... Se me quiser acompanhar...» Ele aceita.

Como estão dentro da hora de almoço, ela convida-o para lhe fazer companhia. E como são os únicos dois à mesa falam à vontade, abrem-se immediatamente em intimidades. Depois ela declara-lhe, ruborizando-se: «Tenho que o informar... Precisei de dinheiro, compreende... Tive que me socorrer desses objectos, depositando-os num Banco para garantir um emprestimo de que necessitava. Ah! Mas tenho aqui umas fotografias, através das quais pode já fazer uma ideia...» E corre a buscar um album de nitidas fotografias de objectos valiosos, que deslumbram o negociante. E pergunta logo por que importância estão os objectos depositados. Por trinta e cinco contos? Ah! Ainda bem, éle tem precisamente esse dinheiro na carteira, podem ir imediatamente buscá-los. E vão...

No Banco, ela pede-lhe para a aguardar em baixo, enquanto ella sóbe ao primeiro andar. E' um momento... Oh! Ela é uma mulher honesta, que nunca andou acompanhada por homens... Que diria o director, velho amigo de seu pai, se a visse acompanhada de um homem!? Éle concorda e espera. E como ella é uma mulher honesta, o negociante com manias afidalgadas espera por ella até o Banco fechar e até se convencer de que há mulheres honestas que, ás vezes, se esquecem da honestidade...

GUEDES DE AMORIM

Ourivesaria Aliança CAFÉ MONUMENTAL

Rua das Flores — PORTO



As suas novas instalações valem uma visita

== Joias e pratas artisticas ==

CAFÉ MONUMENTAL

PORTO

O melhor Café da Península
Todo o confôrto moderno

Bar — Café — Bilhares

Concêrtos por distintos músicos
— nas Soirées e Matinéas —

Avenida dos Aliados

APARECEU O
CAMELEON
FORMULA
1930

MUDA DE TOM COM CADA CÔR
RESISTE A TUDO E DA AOS LABIOS
UMA SEDUÇÃO IRRESISTIVEL

**ROUGE
CAMELEON**

AGENTE EXCLUSIVO
João Amaral, S.ª (alem. 2001)
PORTO

Ao fazer as suas compras,
não esqueça a conhecida

CAMISARIA SERRA

que é a casa que mais barato
vende e melhor sortido tem
em Camisas, Gravatas, Peu-
gas e Artigos de novidade. ==

281, R. Mousinho da Silveira, 287—PORTO

COMPRAI SÓ



O melhor entre os melhores

284—R. MOUSINHO DA SILVEIRA—286

PORTO



JOÃO DE MELO LAPA
ADVOGADO

RUA DO BARÃO, 6
LISBOA



Depósito de tubos de fer-
ro galvanizados, ingleses

Acessórios. Louças sanitárias. Banheiras esmaltadas. Bombas. Torneiras. Todos os aprestos pertencentes á arte de picheleiro. ==

União dos Picheleiros, Lt. da Fundada em 1908

Telefone 1207

74, Largo de S. Domingos, 75

Porto

Casa Liège Grande depósito de tubos de ferro ingleses:

Rua de Cedofeita, 249--PORTO

FABRICA DE CONFEITARIA

A melhor e mais higiênica
do norte do país

FABRICO DE TODA A CLASSE DE DOÇARIA

Preços especiais para revenda

Galvanizados, prêtos
e seus acessórios —
Metal antifricção --Tubolagem
de aço para caldeiras ==

J. Santos & Silva, Sucr.

Válvulas para bombas e vapor. Torneiras em metal, em todos os géneros

TELEFONE, 2747

Avenida Saraiva de Carvalho, 41

PORTO